

A Faculdade de Filosofia e Ciências em Marília:

origens

Leonor Maria Tanuri

Como citar: TANURI, L. M. A Faculdade de Filosofia e Ciências em Marília: origens. In: CARRARA, K. (org.). **Educação, Universidade e Pesquisa**. Marília: Unesp Marília Publicações, 2001. p. 219-226. DOI: <https://doi.org/10.36311/2001.85-86738-16-6.p219-226>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DE MARÍLIA: ORIGENS

Leonor M. TANURI¹

Criados em sua maioria no final dos anos 50, os Institutos Isolados do Ensino Superior do Estado de São Paulo (IIESESP) refletem a problemática, as aspirações e as contradições daquele momento histórico. Significaram a resposta do governo à crescente demanda de oportunidades educacionais, açambarcada como bandeira pelos políticos locais como instrumento de troca política com as classes médias e altas. Justificados como alvo dos “anseios da mocidade”, ou como objeto de “pressões populares”, parecem ter sido motivados mais por razões políticas do que propriamente educacionais, como simples ampliação de reivindicações já conquistadas referentes à criação de escolas primárias, normais e secundárias. Ainda assim, e mesmo que se possa colocar a questão acerca de quais segmentos sociais reivindicavam a interiorização do ensino superior, um fato parece claro. Uma vez instalados, os IIESESP, de início restritos a segmentos minoritários da sociedade, passaram a ser objeto de procura de camadas cada vez maiores e mais diversificadas da população. Esse fato é evidente sobretudo no caso das Faculdades de Filosofia, motivando a transformação do projeto pedagógico inicial e a adoção de medidas tendentes a adequá-las à ampliação da demanda. Entre elas destacam-se: a abolição do período integral de estudos, a princípio adotado em algumas unidades, a ampliação do número inicial de vagas, a criação de cursos noturnos e de licenciaturas curtas, a maior integração com a rede de ensino, além de modificações qualitativas importantes, sobretudo de ordem curricular, relativa à introdução de disciplinas mais ligadas à realidade.

¹ Professora orientadora do curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp – 17525-900 – Campus de Marília - SP

A criação dos IIESESP se deu num momento em que se começava a desenvolver o processo de modernização do ensino superior, intensificando-se os debates e incorporando-se inovações administrativo-pedagógicas a algumas instituições. Esse clima de renovação e de crítica ao arcaísmo da universidade tradicional, inclusive da USP, não deixaria de se refletir no modelo pretendido para as novas instituições, especialmente ao nível das justificativas apresentadas. A esse respeito, mencione-se, por exemplo, a exigência fundamental expressa pelo Governador Jânio Quadros ao Prof. Querino Ribeiro - no intuito de convencê-lo a aceitar a direção da FFCL de Marília - de que a escola a ser ali instalada deveria ser “de alto nível e em linha renovadora”.²

Para atender a tal exigência, no entender de Querino Ribeiro, a Faculdade deveria, entre outros requisitos, contar com uma clientela de estudantes a altura das exigências, cômicos de sua responsabilidade social como alunos de uma escola pública e apoiados por um serviço de orientação educacional; possuir um corpo docente altamente qualificado, selecionado por especialistas de reconhecida responsabilidade e admitido por contrato, de modo a possibilitar a substituição dos improdutivos; apresentar uma estrutura administrativa que “sirva de fato ao (e não sirva-se do) interesse do ensino, da pesquisa e da cultura em geral”, ou seja, que corrigisse a tendência já então manifesta de hipertrofia dos órgãos administrativos em face dos serviços de base. O exemplo das universidades “mais modernas e mais inteligentemente estruturadas”, como o ITA e a Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto, era chamado para ilustrar a proposta.³

Essa idéia de que os Institutos Isolados deveriam ser de alto nível e em linha renovadora era uma constante, a nosso ver.

² *Anais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, v. 1, 1959 -1962.* Marília, 1969, p.9.

³ *Ibid.*, p. 9-14.

Também Casemiro dos Reis Filho, em entrevista à revista ANDE, observa a respeito de sua atuação e da de outros jovens professores que com ele trabalharam na FFCL de Rio Preto: “...aceitaram ir para Rio Preto com a idéia de criar uma escola de alto nível e introduzir reformas na arcaica universidade brasileira. Foi a primeira escola, por exemplo, a criar Departamentos. Esse projeto nasceu na Pedagogia, onde eu era coordenador e teve repercussão nacional.”⁴ Certamente a idéia de Departamento, englobando todos os professores do mesmo curso, não foi prerrogativa de Rio Preto, mas aconteceu também em outros IIES.

A USP, principal fornecedora de docentes para os IIES, ofereceu, sem dúvida, a referência e o modelo, a ser imitado pelos IIESESP em seu padrão de excelência, ou a ser superado em seus aspectos mais conservadores. A preeminência do caráter de imitação ou de busca de superação do modelo oferecido pela USP certamente variou bastante, não só de Instituto para Instituto, mas de Departamento para Departamento, o que pode ser evidenciado pelas entrevistas realizadas pelo Centro de Documentação e Memória da Unesp (CEDEM) com antigos professores dos IIES. Certamente, a idéia era “renovar”, mesmo porque naquele momento a modernização do ensino superior era palavra de ordem e o movimento pela reforma universitária já estava em marcha. Mas a USP era o modelo existente, o modelo que, apesar das críticas, era reconhecido... Segundo Newton Ramos de Oliveira, autor de tese sobre a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Rio Preto, esta instituição dispôs-se a criar um modelo novo de ensino universitário, rejeitando todos os modelos existentes na época, inclusive o da USP. Com isso, no entender desse autor, ela se distinguiria das demais Faculdade de Filosofia Ciências e Letras posteriormente criadas pois estas fixaram como modelo ideal a própria FFCL da USP.⁵ Algumas das entrevistas que realizamos para o CEDEM/Unesp evidenciam que essa ânsia de criar algo

⁴ REIS Filho, 1984, p.37-39.

⁵ OLIVEIRA, 1989, p.82.

novo - em termos administrativos, de ensino e de pesquisa - estava presente em outras instituições. A entrevista do Prof. Ataliba Teixeira de Castilho, por exemplo, evidencia que os IIES - mais especificamente Marília, Assis e Araraquara - inovaram em relação à pesquisa em Linguística, dando-lhe uma direção diferente daquela praticada na USP (passaram a abordar a românia nova e não a românia velha, ou seja, a língua portuguesa no mundo novo e não mais na Europa, bem como as línguas indígenas).⁶

O depoimento de um outro professor, também do curso de Letras de Marília - Prof. Enzo Del Carratore - ao focalizar o projeto pedagógico da instituição, registra a seguinte observação: “não sei se o projeto era explícito, mas certamente estava claro, na cabeça de todos nós, que tínhamos que fazer alguma coisa diferente e, se possível, melhorar até o que a USP fazia. Não sei se um projeto utópico, mas pelo menos tentamos com muita boa vontade, com muito idealismo. Implementar o tempo integral para os alunos era exatamente para isso, para que eles tivessem uma orientação muito maior do que aquela que nós próprios tivemos... Então, nós partimos de nossas próprias experiências, verificamos uma série de falhas, de lacunas no ensino que nós recebemos e procuramos sanar essas falhas, preencher essas lacunas”. Mas, um pouco adiante, esse mesmo professor observa: “Em relação à Universidade de São Paulo, nós tivemos sempre uma espécie de dependência, digamos assim, uma dependência intelectual, uma dependência (rindo) não apenas emocional. De fato, nós nos considerávamos filhos da Universidade. A universidade que nos criou, que nos marcou de forma absolutamente indelével. Nós devemos realmente à Universidade de São Paulo praticamente tudo; não apenas a nossa formação mas a nossa orientação intelectual, principalmente a nossa postura científica, enfim, tudo aquilo que a universidade nos deu nós procuramos transmitir e os Institutos Isolados, pelo menos Marília, o curso de Letras, nasceu sob a inspiração da Universidade de São Paulo. Não apenas Marília, mas tenho a certeza que Assis, Araraquara, São José do Rio Preto também.”⁷

⁶ CASTILHO, Ataliba T. de. Entrevista, 30/06/92, CEDEM/UNESP.

⁷ CARRATORE, Enzo del. Entrevista, 10/01/92, CEDEM/UNESP

Daí porque julgamos a USP ofereceu o modelo a ser imitado e a ser superado. Em que medida houve, de fato, inovação, não apenas no projeto pedagógico mas no itinerário de pesquisa de cada área, apenas um estudo por área poderá revelar. E, neste caso, não só as entrevistas poderão trazer grande contribuição, mas também uma análise do conteúdo das revistas e demais publicações dos IIESESP.

Certamente as peculiaridades dos IIESESP - situados em cidades do Interior de poucas oportunidades culturais e de população reduzida, com um corpo docente e discente pequeno, em comparação com o da USP, com a maioria dos docentes contratados em regime de tempo integral - propiciaram, de modo geral, maior possibilidade de dedicação ao ensino e à pesquisa e maior intensidade e informalismo no relacionamento professor-aluno. Desde logo os IIESESP procuraram se afirmar, na medida de suas possibilidades e limitações, no mesmo modelo de atuação que trouxe reconhecimento à Universidade de São Paulo. Assim, ao lado da formação de profissionais, a pesquisa científica, as publicações especializadas, os encontros científicos foram alvos insistentemente buscados. Sobretudo nos anos iniciais, quando a expansão do ensino superior ainda não havia empurrado a formação de pesquisadores para os cursos de pós-graduação, os Institutos Isolados procuraram, da mesma forma que o faziam as universidades mais tradicionais, dar uma formação sólida e despertar o interesse dos alunos pela cultura e pela pesquisa, propiciando-lhes recursos materiais e condições de atendimento individual. Há depoimentos de professores, antigos alunos dos IIESESP, que evidenciam uma atenção especial dada aos alunos que mais se destacavam e que certamente buscaram orientação extra para leituras, para fontes adicionais de estudo e para o desenvolvimento de trabalhos de pesquisa.

Finalmente, importa não apenas o modelo inicialmente idealizado, mas como esse modelo é implementado e modificado ao longo dos anos. Como esse modelo privilegiou as três funções básicas da universidade? Em outras palavras, ao longo dos anos de vida dos IIESESPS, em que medida se privilegiou a formação de profissionais ou a formação de pesquisadores? No

que diz respeito à produção do conhecimento novo, qual o itinerário de pesquisa dos IIES, tanto em termos de objeto de pesquisa, quanto em termos metodológicos?

Falando especificamente da área de educação, tem havido críticas recentes à ação dos IIESESP, no sentido de que não conseguiram equacionar os problemas e oferecer tentativas de resposta aos problemas enfrentados pelo ensino público em todo o Estado. As críticas dizem respeito a um suposto alheamento desses Institutos em relação à rede de ensino, tanto em termos de docência quanto em termos de objeto de pesquisa. Mas certamente essas críticas não são prerrogativa dos IIESESP, atingindo toda a área de educação da universidade paulista e brasileira. Na verdade, o problema é muito mais amplo e diz respeito ao próprio quadro teórico que ilumina a educação enquanto campo do conhecimento. Até recentemente, o interior da escola, a relação professor-aluno, o trato concreto dos problemas do ensino-aprendizagem, as condições específicas da clientela escolar não constituíam objeto da pesquisa em educação.

Assim, em que medida os IIESESP, estiveram completamente afinados com esse alheamento relativamente ao ensino público ou em que medida conseguiram, por sua situação geográfica e condições especiais, aproximar-se dos problemas concretos da educação e das outras esferas de serviços do interior paulista é matéria que deve ainda ser objeto de pesquisa. Em meu modesto entender, de ex-aluna e professora desta casa - criada como IIES e transformada depois numa unidade da Unesp - a pesquisa, o ensino e a extensão na área de educação nunca estiveram desvinculados das necessidades locais e regionais. Pelo contrário, sempre tiveram nessas necessidades sua razão e seu motor fundamental. Na antiga FFCL de Marília, depois FFCSD de Marília/Unesp, posteriormente FFC de Marília/Unesp, o Curso de Pedagogia desdobrou-se em suas várias habilitações, com vistas ao preparo de professores e técnicos habilitados em educação. Cursos de extensão, de preparação para os concursos públicos foram tradicionalmente oferecidos gratuitamente à comunidade, assessorando ex-alunos e todos os que quisessem deles se beneficiar, numa atitude de franca socialização dos conhecimentos e do material bibliográfico e documentário aqui disponível.

A pesquisa, a criação de instrumentos para divulgação do conhecimento novo produzido, a pós-graduação em educação foram, desde o início, objeto de prioridade. Assim, além da publicação de Boletins ligados à área de Educação, iniciou-se a publicação da revista **Didática** já em 1964, por iniciativa do Departamento de Didática da então FFCL de Marília. Tal periódico nunca foi interrompido, vindo a constituir, a partir de seu volume 15, a série **Educação** das publicações da Unesp, já que a nova Universidade se decidira pela centralização de seus periódicos. O ensino de pós-graduação foi logo insistentemente buscado, numa atitude de comprometimento social com a qualificação do corpo docente das instituições de ensino superior, embora medidas contenedoras da reitoria da Unesp tivessem conseguido retardar a instalação desse curso até 1988. O próprio objeto da área de concentração aqui criada já por si revela a natureza das preocupações socialmente relevantes que animavam e ainda animam a condução dos estudos pós-graduados em educação nesta casa. Esse objeto, como é sobejamente conhecido, **é a questão do ensino e de toda a sua problemática**, seja nos seus aspectos macroscópicos, ou seja, sócio-políticos, seja no âmbito microscópico, ou seja nas abordagens psico-pedagógicas.

Assim, embora não tenha ainda sido realizado um estudo do itinerário de ensino e de pesquisa desta Faculdade, especificamente da área de Educação, e a avaliação de seus resultados nestes últimos quarenta anos, entendemos que esse estudo revelaria uma contribuição relevante e significativa para transformações sociais e educacionais na região, tanto em nível de orientação da política educacional quanto em nível de prática educativa sistemática que ocorre no interior das escolas. Tal contribuição se realiza não somente mediante o efeito multiplicador de seus egressos de graduação, pós graduação e extensão, como mediante o acúmulo de evidências de suas pesquisas.

Referências Bibliográficas

ANAIS da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, v. 1, 1959 -1962. Marília, 1969.

OLIVEIRA, N. R. de. *Sapere Aude: a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto no período de 1957-1964*. São Carlos, 1989. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos.

REIS Filho, C. Depoimento. *Revista ANDE*, n. 8, p.37-39, 1984.